

Leônidas lança desafio aos que duvidam de seu comando

BRASÍLIA — “As ordens do ministro serão cumpridas da maneira mais plena na hora que ele as der. Quem quiser que teste. Quem quiser experimentar se eu comando ou não a tropa, que experimente, pois vai se arrepender”, advertiu, ontem, o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, numa longa entrevista coletiva de improviso no Palácio do Planalto, após audiência com o presidente José Sarney. O ministro classificou de “inconveniências disciplinares” as últimas ações de rebeldia no Exército e garantiu que nada vai pôr em risco o processo de transição. “As Forças Armadas estão unidas”, afirmou.

O general Leônidas garantiu que os capitães Luis Fernando de Almeida, que invadiu a prefeitura de Apucarana, e Sadon Pereira Filho, que distribuiu um manifesto por melhores soldos na EsAO (Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais), serão punidos. Quanto aos capitães Fábio e Bolsanaro, acusados pela revista *Veja* de planejar explodir bombas nos quartéis, o ministro reiterou o desmentido dos oficiais: “Quando alguém desmente peremptoriamente um membro da minha instituição, e assina embaixo, em quem eu vou acreditar? Nesses que são os componentes da minha instituição. E eu sei quem é a minha gente.”

— O que o senhor tem a dizer a respeito das acusações de indisciplina no Exército?

Leônidas — O Exército tem um efetivo de quase 200 mil homens. Nós consideramos que esses fatos, que estão sendo agigantados pela comunicação, não têm a dimensão que se deseja dar, porque partem de uma minoria, realmente muito diminuta e para eles nós temos as medidas regulamentares que se tornam necessárias.

— O senhor tem informação de que estaria querendo dar um golpe?

Leônidas — Isso de golpe é uma afirmativa que não tem nenhuma base. Vamos fazer uma análise do que está acontecendo: nós vivemos neste país numa época de verdadeiros furacões. Primeiro, na área econômica; depois, esses furacões foram para a área política; de maneira que se vê muita crítica num e noutro campo. Agora, chegou a vez da área militar. Eu acho que a maioria dessas coisas que estão acontecendo são implantadas e um ou outro elemento que se sente tocado por isso, reage. Na verdade, nós temos que reconhecer o seguinte: o comportamento das Forças Armadas nestes dois últimos anos e meio, propiciou a estabilidade política que o país vive: nós não tivemos nenhuma mudança no nosso sistema de Governo. Precisamos nos atribuir uma grande parcela de crédito nesta estabilidade. Esse é o comportamento das Forças Armadas e tem gente que não gosta desses comportamento e procura, por ações exógenas ou externas nos atacar. Isso está muito claro. Não havendo maiores problemas, foram procurar o problema de ordenados e vencimentos. No momento em que por uma ação dos ministros militares, muito especificamente minha, junto ao Presidente conseguimos o que julgávamos mais justa de vencimentos — no ano passado, com o 13º salário e este ano com a isonomia —, nesta hora que nós conseguimos isto tudo, atropelaram — essas forças que eu não sei exatamente quem são — os fatos e determinaram o espocar dessas incon-



Ministro admite “inconveniências disciplinares” mas garante a unidade do Exército

veniências disciplinares que os senhores vêem. Duas delas já estão sob inquérito; a terceira, é aquela da maior divulgação de uma revista de grande tiragem brasileira: e os senhores viram ontem da maneira mais plena o desmentido desses dois oficiais. De forma muito clara; do próprio punho, negando veementemente que aqueles fatos tenham ocorrido e taxando as informações dessa revista de ficção, de imaginação.

— Essa revista faria parte das forças que o senhor denuncia?

Leônidas — Quem sabe, ela também tenha sofrido o impacto dessas forças e seja apenas um mero veiculador.

— Que forças são essas?

Leônidas — Mas eu já disse a vocês, são forças que não estão interessadas na transição democrática. São de várias ordens: são de direita, são de esquerda, são políticos fisiológicos, com interesses pessoais contrariados, são homens insatisfeitos com o que ocorreu, com a transição democrática. Essa é que é a verdade.

— O senhor acha que isso vai pôr em risco a transição?

Leônidas — Nada vai pôr em risco o processo da transição. Os senhores estejam certos. E quem quiser, teste. As Forças Armadas estão unidas, o Exército está unido, as ordens do ministro serão cumpridas, da maneira mais plena, na hora que ele as der. Quem quiser que teste.

— O senhor disse que existem focos de indisciplina e que seriam tomadas medidas para punir os indisciplinados. Que medidas são essas?

Leônidas — Não, esses dois focos foram os que já ocorreram. Foi o problema daquele moço lá em Apucarana — que nós estamos mais levados a achar que ele teve algum problema mental, nós realmente estamos sendo levados a isso, inclusive porque, quando ele fez aquilo, baseado nos argumentos que ele mesmo apresentou, que eram de vencimentos, o aumento de vencimentos já tinha sido assinado, então fica uma verdadeira incongruência. O segundo foi o fato do

capitão da EsAO, que foi punido porque se manifestou internamente para o seu comandante. No outro, que deram tamanha dimensão, esse caso da revista de grande tiragem, no primeiro degrau da nossa apuração, os dois oficiais envolvidos, eu vou repetir isso, negaram peremptoriamente, da maneira mais veemente, por escrito, do próprio punho, qualquer veracidade daquela informação.

— A negativa dos dois é suficiente e encerra qualquer investigação desse caso?

Leônidas — Por que que você está perguntando isso? Eu quero saber a razão porque eu não alcanço a razão. Quando alguém desmente, peremptoriamente um membro da minha instituição e assina em baixo, em quem eu vou acreditar? Nesses que são os componentes da minha instituição. E eu sei quem é a minha gente.

— A que o senhor atribui o fato de alguns setores quererem atingir a pessoa do ministro, dizendo que ele está conivente com a indisciplina?

Leônidas — Eu não ouvi ninguém dizer que está conivente com a indisciplina. As maneiras de se desestabilizar uma força como a nossa são duas: achar assuntos que realmente sejam do interesse e discutidos como o dos vencimentos, que podem causar uma fratura na instituição, ou então fazer outra coisa, que é atingir seus comandantes, especialmente o comandante número um que é o ministro do Exército. Os senhores vêem que alguém, até com maior atrevimento, saiu a dizer que o ministro do Exército não tem o comando da tropa. Eu respondo a eles: conheço a minha gente e sei que eles me conhecem. Quem quiser experimentar se eu comando ou não a tropa, que experimente, pois vai se arrepender.

— O general Newton Cruz, na Folha de S. Paulo de hoje, confirma a metade das denúncias que estão na *Veja*. Inclusive dizendo que há realmente essa insatisfação.

Leônidas — Que insatisfação?

— Aquelas de que a revista falou.

Leônidas — A revista *Veja* só falou de

insatisfação de ordem dos vencimentos. Não vi outra.

— O comandante do 3º Exército também está falando que, se houvesse eleições gerais no próximo ano, as Forças Armadas não teriam nada a opor. O que o senhor tem a dizer sobre isso?

Leônidas — Olha, os senhores já estão cansados de ouvir isso e eu vou repetir: a finalidade das Forças Armadas é cumprir as suas missões constitucionais. Nós somos elementos de estabilidade neste país hoje. Não somos elementos para traumatizar o País.

As medidas de caráter político adotadas serão as medidas que serão seguidas.

— Alguma nova punição a ser anunciada?

Leônidas — O JORNAL DO BRASIL de hoje (ontem) dá declarações de um coronel da reserva já uma vez punido por mim por ter ido à Argentina fazer uma conferência sem ordem de ninguém, em consequência da qual ele se transferiu para a reserva. Se ele confirmar as declarações, será punido, como manda o regulamento do exército.

— Por que o general Figueiredo fez declarações, fez até um documento e não foi punido?

Leônidas — Por motivos óbvios. Houve uma emenda constitucional permitindo que os oficiais da reserva se manifestem politicamente. O general Figueiredo é um ex-presidente da República e também um general da reserva. Então, ele tinha cobertura para fazer suas declarações. Eu, embora não concorde com as declarações dele, lhe atribuo o direito pleno de fazê-las.

— Como o senhor define o quadro político e a situação dos militares hoje?

Leônidas — As Forças Armadas, e eu falo especialmente pelo Exército, estão decididas a assegurar a estabilidade que é necessária para a transição política. Embora esses solavancos de caráter político, a nossa idéia, das Forças Armadas, é assegurar essa estabilidade. Eu só gostaria que todos esses eventos nacionais

fossem colocados com muito equilíbrio e com muito senso de responsabilidade e até de maneira construtiva por todos os meios de comunicação brasileiros. A imprensa, seja ela falada, escrita, ou de imagens. Eu conheço que alguns desses segmentos não estão prestando esses serviços, que seriam indicados e patrióticos. A imprensa muitas vezes exagera. Outras vezes, de maneira muito inconsequente, aceita afirmativas. Meus senhores, nós estamos todos na mesma nau. Esta nau tem que continuar navegando. Se ela não navegar, nenhum de nós está fora dela.

— O sr. acha que o homem das Forças Armadas ganha pouco?

Leônidas — Temos um cuidado muito grande com este problema de vencimento. Posso dizer que coube a mim, pessoalmente, a proposta de isonomia do general-de-exército com o ministro do STM para depois fazer a escala decrescente dos ordenados. Acredito que agora, a partir de janeiro, com este aumento, vamos ter uma vida condigna, que é o que buscamos. Quando estamos lutando por aumento, não é para ninguém ficar rico no Exército. Todas as outras pessoas podem ter outras atividades. Nós, não, porque o próprio regulamento não permite e pune. Nós achamos que um soldado de profissão tem que se dedicar apenas à sua instituição e à Pátria.

— O sr. acha que a insatisfação do Exército foi superada com o aumento?

Leônidas — Acho que o nosso pessoal está bem satisfeito. No nível de comparação com os ministros do STM, no futuro teremos sempre uma base de comparação, que vai nos dar tranquilidade. Não vai ser necessário pedir novos aumentos anualmente.

— Parece que o ministro Bresser resistiu um pouco...

Leônidas — O problema não é esse. Eu e o ministro Bresser nos damos muito bem. Ele tinha seus pontos de vista. Defendia suas teses e eu fiz ver que respeitava suas idéias, mas tinha as minhas, e não podia abrir mão delas. E não abri.

— O que o senhor quis dizer com esta nau em que estamos todos?

Leônidas — Se você não cooperar e esta nau não singrar bem os mares, você está junto conosco, viu, minha jovem jornalista? Não pense que está fora dela não. Não se lembre só da tiragem e da venda. Lembre do Brasil também.

— E a nau da Constituinte, navegando pela esquerda, ministro?

Leônidas — Acho que ainda não dá para dizer que direção ela vai navegar. Ainda está sendo necessária uma fase muito importante da Constituinte, que é o grande plenário, onde eu estou muito certo que as forças do centro, as forças moderadas, as forças do equilíbrio, que é a característica do povo brasileiro, vão fazer prevalecer a sua vontade.

— Ministro, há muita insatisfação de militares, reuniões de militares da reserva. O senhor acha que há insatisfação?

Leônidas — Eu posso dizer o seguinte: eu nunca consegui confirmar essas afirmativas. Toda vez que meu serviço de informação vai atrás disso, não se configura uma verdade.

— E essa entidade, a ABDD — (Associação Brasileira de Defesa da Democracia)?

Leônidas — Essa é uma associação muito possível de existir num regime democrático. Qual é o problema?

Coronel é preso por entrevista

SÃO PAULO — O coronel da reserva do Exército, Geraldo Lesbat Cavagnari, que deu entrevista a JORNAL DO BRASIL, publicada ontem, foi preso em Campinas e às 21h30min, o Comando Militar do Sudeste, após demorada reunião de seu comandante, general Ivan Dentice Linhares, com o alto comando, divulgou nota oficial confirmando a punição.

Até às 22h, a mulher do coronel, Marília Cavagnari, não havia localizado o marido, preso, segundo a nota, numa unidade militar de Campinas. A íntegra da nota oficial é a seguinte:

“O comando Militar do Sudeste, em consequência da entrevista concedida pelo coronel da reserva remunerada Geraldo Lesbat Cavagnari, publicada no JORNAL DO BRASIL de hoje (ontem), resolveu puni-lo com 10 dias de prisão a ser cumprida em unidade militar da Guarnição de Campinas.

Ao ser anunciada a transgressão do coronel Cavagnari, foram considerados: A confirmação parcial de sua entrevista, prestada ao general comandante da 11ª Brigada de Infantaria Blindada; o Estatuto dos Militares; o Regulamento Disciplinar do Exército, e a lei nº 7524, de 17 de julho de 1986, que regula em seu texto a manifestação por militar inativo, de pensamento e opinião política ou filosófica”.

Em entrevista ao JORNAL DO BRASIL, publicada na edição de ontem, o coronel Cavagnari disse que o plano de explodir bombas em quartéis e outros protestos de oficiais contra baixos salários encobrem “um movimento mais amplo, com ramificações”, articulado com a extrema direita civil e militar, com o objetivo real de desestabilizar o processo de transição democrática.

“A extrema direita militar”, disse Cavagnari, “está determinada a transformar atos de pura indisciplina gerados pela insatisfação com os soldados, em manifestações de caráter político-ideológico”. A crítica mais grave, entretanto, ficou por conta de falta de punição à indisciplina, que o coronel da reserva cobrou do ministro do Exército, e a afirmação de que Leônidas Pires “não comanda mesmo a tropa”.

□ A Procuradoria Geral da Justiça Militar em Brasília, por intermédio da subprocuradora Marly Gueiros Leite, negou ontem o pedido de reabertura do caso Riocentro feito pelo ministro da Justiça, Paulo Brossard, em nome do Conselho do Direito de Defesa da Pessoa Humana (CDDPH). A subprocuradora entendeu que os novos fatos criados com a carta do ex-ministro Golbery do Couto e Silva e a entrevista do coronel Leo Frederico Cinelli, “não constituem indícios suficientes para a procuradoria solicitar a reabertura do processo”. Apesar da “figura carismática do general Golbery”, a carta publicada pela revista *Veja* deixa muito a desejar como prova, argumentou.